

OS VIGILANTES

Taina Tervonen



cinco vigias
em torno das
fronteiras

TRADUÇÃO Luís Leitão

ANTÍGONA

ESTE LIVRO BENEFICIOU DE UM APOIO DO PRR, NO ÂMBITO DA MEDIDA INTERNACIONALIZAÇÃO, MODERNIZAÇÃO E TRANSIÇÃO DIGITAL DO LIVRO E DOS AUTORES



REPÚBLICA
PORTUGUESA



Financiado pela
União Europeia
NextGenerationEU

TÍTULO ORIGINAL

Les Veilleurs – Cinq vigies, autour des frontières

AUTORA

Taina Tervonen

TRADUÇÃO

Luís Leitão

REVISÃO

Ana Pinto Mendes

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Gonçalo Duarte

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Lidergraf

COPYRIGHT

© 2025 Éditions Marchialy, Groupe Delcourt

© 2025 Antígona | Direitos reservados para Portugal

1.^a EDIÇÃO Agosto 2025

DL 550460/25

ISBN 978-972-608-484-6

ANTÍGONA EDITORES REFRACTÁRIOS

Rua Silva Carvalho, n.º 152, 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.antigona.pt

Como se morre?
Fazendo muitas histórias.
A vida dos mortos é uma narrativa sem fim.
Os vivos não têm peso suficiente, mesmo
quando fazem tudo para se fazer notar.
O silêncio e a invisibilidade são enganos.

MARIE COSNAY, *Des îles, Mer d'Alborán*
2022-2023, t. 3, Éditions de l'Ogre, 2024



O PRIMEIRO NAUFRÁGIO

Domingo à tarde, estou em casa, em Paris, e um barco navega na minha sala de estar. A mensagem no WhatsApp diz: «Dentro em pouco, vamos ter 55 mortos.»

São 16h36 do dia 16 de Janeiro de 2022. Um barco encontra-se em dificuldades entre Marrocos e as Canárias. Empurro pela primeira vez a porta da simultaneidade, do tempo que passa aqui e no mar, aqui e no Atlântico. A embarcação partiu de Tarfaya à meia-noite com cinquenta e cinco passageiros a bordo, a marinha marroquina recebeu um alerta às quatro da manhã, ou seja, há mais de doze horas. Acaba agora de se fazer ao mar para proceder ao resgate.

Nova mensagem: «A marinha marroquina não os encontra.»

Depois, às 20 horas: «Dez sobreviventes. Dois corpos. Os outros desapareceram.»

É o primeiro naufrágio a que assisto em directo.

Durante seis anos, frequentei os desaparecidos de uma maneira tão assídua que senti necessidade de me afastar deles. Seis anos de histórias que hesitam entre a vida e a morte, na Bósnia-Herzegovina e no Senegal, entre os desaparecidos de uma guerra e de uma limpeza étnica e os da migração. Por todo o lado, famílias que esperam um corpo, uma sepultura, um relato — ou antes: o ponto final do relato. Durante seis anos, ouvi os vivos que procuram os seus mortos, depois decidi pôr um ponto final no meu próprio relato. Os desaparecidos podem

esperar, disse para comigo, e organizei uma festa para o anunciar aos meus amigos: a partir de agora, contarei outras histórias, histórias de vida! Passado um ano, as mensagens urgentes começaram a cair: entre Marrocos e as Canárias, barcos inteiros desaparecem, barcos que se sabe que partiram, mas nunca chegaram. Não há sobreviventes nem destroços. Os meios de socorro levam cada vez mais tempo para intervir, com cada vez mais frequência chegam demasiado tarde, quando o mar já tudo tragou. Em Dezembro de 2021, mais de cem pessoas desapareceram na rota das Canárias. A pessoa que me escreve dá-me datas e pontos de partida, números de passageiros, sem que, do outro lado do mar, haja o registo de chegadas. «Ninguém fala disso», comenta.

No WhatsApp, chegam outras mensagens, com contagens exactas. Pergunto à pessoa que mas envia onde as obtém. É então que me fala dos outros quatro, que ainda não conheço.

Os cinco formam uma rede informal que procura os desaparecidos do Mediterrâneo e do Atlântico. Fico a saber que cada um deles começou sozinho, ajudando uma pessoa quando soube de uma situação concreta. Depois, as suas páginas de Facebook ou os seus números de WhatsApp começaram a circular nas redes sociais entre aqueles que tentam fazer a travessia para a Europa e entre as respectivas famílias. Pouco a pouco, foram recebendo informações acerca dos barcos em dificuldades no mar, enviadas pelos passageiros ou pelos seus familiares e amigos. E fizeram o que lhes pareceu correcto: começaram a alertar os meios de socorro e a elaborar listas, para ficar com um registo daquilo de que são testemunhas.

Hoje, querem alertar a imprensa. É por isso que me contactam. Assim de repente, o pedido deles parece-me tão alucinante como a realidade de que me estão a dar conta. A imprensa

tem-se tornado cada vez mais avessa a abordar assuntos ligados à migração. Estou bem posicionada para o saber: há mais de vinte anos que trabalho em torno deste tema enquanto jornalista independente.

Dez dias depois, em 26 de Janeiro de 2022, recebo a geolocalização de outra embarcação que se dirige para as Canárias, vinda de Tan-Tan, em Marrocos. Digito as coordenadas no Google Maps e estou em pleno mar, mais perto das Canárias do que das costas marroquinas. Serão pois os socorristas espanhóis, e não os marroquinos, a acudir, ou não. Neste momento, ninguém sabe. O meu contacto está preocupado, nervoso. Os apelos de socorro foram enviados, mas aparentemente nada se mexe. Vigiamos os dois o barco salva-vidas da guarda costeira espanhola com o VesselFinder, uma aplicação que permite localizar os navios, mas o barco mantém-se parado, pelo menos por agora. O meu contacto olha o seu telemóvel no Senegal, e eu o ecrã do meu computador em França. Observamos o ponto vermelho que se mantém imóvel no porto e imaginamos o outro ponto, no meio do mar, que certamente se encontra em movimento, mas não aparece no VesselFinder.

— É meio-dia, e eles partiram às quatro da manhã. — Ele segue o barco desde a meia-noite, sabia da viagem ainda antes da partida. — Há cinquenta e três pessoas a bordo, incluindo nove mulheres e quatro crianças.

— Estão ali — diz-me ele, e comunica-me a posição, números que correspondem ao ponto que não vemos no VesselFinder. — Estão ali, e vou enviar-te o número de telefone de uma pessoa que está no barco.

Olho o número e a localização, e penso: do outro lado deste número, há um barco com cinquenta e três pessoas, incluindo

nove mulheres e quatro crianças. É quarta-feira e estou ao mesmo tempo em casa e no Atlântico. Já não há distância, só urgência.

Algumas horas depois, nova mensagem: «*Boza!* O barco chegou, todos os passageiros estão sãos e salvos.»

É o meu primeiro *boza* em directo.

Depois vem o 3 de Fevereiro de 2022. Recebo uma nova mensagem que me alerta para um barco em dificuldades entre Marrocos e as Canárias, uma embarcação saída de Bojador com cinquenta e duas pessoas a bordo, entre as quais vinte e uma mulheres e quatro crianças. A pessoa escreve-me: «A marinha marroquina disse que ia sair, mas se for como das outras vezes... Telefonei-lhes. Está aqui o número deles.»

Nesse dia, ligo para a marinha marroquina.

— Bom dia, sou jornalista da imprensa francesa. Fui informada de que um barco que partiu hoje de Bojador se encontraria em dificuldades algures em águas marroquinas. Têm notícias dessa embarcação?

Asseguram-me que foram enviados socorros, mas que não encontraram o barco, pois este presumivelmente terá dado meia-volta para alcançar as costas marroquinas pelos próprios meios. Mais tarde, outras mensagens vieram confirmar-me a informação, mensagens que transitaram de telefone em telefone até chegarem ao meu.

Nesse dia, apesar das palavras que afirmam alto e bom som o meu papel de jornalista, tenho a sensação de ter assumido um novo que até agora havia evitado cuidadosamente: o de activista. Penso: não faço parte deste grupo.

Contacto a imprensa, que não se presta a agarrar esta história. É verdade que as fontes parecem sólidas e interessantes,

dizem-me, é uma história que ainda não foi contada, mas toda a gente invoca falta de orçamento e de espaço.

Não posso deixar de pensar que o silêncio lhes dá jeito. A Primavera avança e os naufrágios sucedem-se. As minhas conversas no WhatsApp com os membros do grupo compõem-se de datas e de números que sei serem esporádicos, cobrindo apenas uma pequena parte da realidade.

8 de Fevereiro

Um naufrágio anteontem à noite.

54 pessoas salvas pela marinha marroquina.

23 de Fevereiro

Naufrágio perto de Marrocos.

40 pessoas socorridas e dois mortos.

25 de Fevereiro

Um barco de 87 pessoas, saído de Dakhla.

46 ou 47 sobreviventes (consoante as fontes).

3 corpos. Os outros, desaparecidos.

Um segundo barco de 80 marroquinos.

70 mortos.

19 de Maio

Marinha marroquina prevenida desde quinta-feira, saía apenas no domingo.

44 mortos.

Chega o mês de Maio e o silêncio já não é uma opção. Proponho então aos membros deste grupo informal encontrar-me com eles para os entrevistar. Digo-lhes: os barcos vão adquirir

existência através da vossa voz. Foi a única maneira de contar que encontrei. Todos aceitam.

É assim que, num dia de Setembro, me encontro no jardim florido de María, depois, em Novembro, à frente do computador de Saliou, em Dezembro sentada à mesa em casa de Hervé, em Janeiro num cadeirão diante da estante de Marie Cosnay e, no fim de tudo, num dia de Abril, na sala de Marie Dupont, perante o sofá onde estão aninhados um *yorkshire* e um *chihuahua*. Já não sei em que momento comecei a designá-los por «vigilantes».